



RACISMO: UM EPISÓDIO EM *FRUIT OF THE LEMON* (1999), DE ANDREA LEVY

Celia Regina Lessa Aleixo¹
Prof. Dr. Thomas Bonnici²

RESUMO: Discute-se o racismo em um episódio do romance *Fruit of the Lemon*, de Andrea Levy. Este recorte mostra a tomada de consciência da existência do racismo sob o ponto de vista da protagonista negra, Faith, após presenciar um brutal atentado contra uma mulher negra na Londres multicultural nos anos 1980. Esta pesquisa analisa as estratégias de objetificação do negro devido ao fator dérmico, no contexto social que envolve a protagonista. A metodologia de investigação baseia-se em textos teóricos que discutem noções de ‘raça’, racismo, outremização, identidade e hibridismo, desenvolvidos por Ashcroft, Bhabha, Fanon, Hall, e outros, a partir dos quais se analisa o modo como a dicotomia branco/negro afeta a subjetividade da protagonista. Os resultados mostram que, sob o disfarce da tolerância, correntes racistas são amplamente representadas em eventos ficcionais da Literatura Negra Britânica.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Negro; Identidade; Hibridismo.

ABSTRACT: This work analyses racism in one episode of the novel *Fruit of the Lemon* by Andrea Levy. It shows how watching a black woman being attacked in the multicultural London in 1980's, makes the black protagonist of the novel, Faith, aware of the existence of racism in that society. This research analyses the strategies that make black citizens objects, due to the colour of their skin, in the social context where the protagonist lives. The methodology of investigation is based on the theories of race, racism, othering, identity and hybridity developed by Ashcroft, Bhabha, Fanon, Hall and others, according to which we analyze the way the dichotomy black and white affects the protagonist's subjectivity. The results show that, under a false sense of tolerance, racism is represented in fictional events in the Black British Literature.

KEY WORDS: Racism, Black, Identity, Hybridism.

Introdução

Filha de um dos muitos pioneiros jamaicanos que desembarcaram na Inglaterra no navio-transporte SS Empire Windrush em 1948, a escritora inglesa Andrea Levy é autora de quatro romances – *Every light in the house burnin* (1995), *Never far from nowhere* (1996), *Fruit of the Lemon* (1999) e *Small Island* (2004) que exploram, sob diferentes perspectivas, os problemas enfrentados pelos negros britânicos, filhos de imigrantes caribenhos. Seus livros fazem parte do crescente conjunto de obras literárias escritas por autores/autoras cujas origens remetem, de forma direta ou indireta, as antigas colônias europeias, tendo como mote principal a reflexão pós-colonialista.

Em *Fruit of the Lemon* (1999), romance ambientado na Londres da década de 1980, Andrea Levy descreve a luta da protagonista negra Faith Jackson, em busca de sua identidade. Filha de imigrantes jamaicanos, nascida na Inglaterra, Faith jamais demonstrara interesse em suas origens

Celia Regina Lessa Aleixo
Prof. Dr. Thomas Bonnici



caribenhas, tampouco se deira conta do racismo que, sob o disfarce da tolerância ali imperava. Sua entrada no mercado de trabalho (fazendo-a sofrer na pele o racismo de seus superiores brancos) e o testemunho a um atentado de um grupo denominado ‘*National Front*’ contra uma mulher negra fazem com que ela comece a suspeitar que a nação à qual acreditara pertencer parece não aceitá-la de fato.

Levy retrata a crise de identidade desencadeada em Faith por esses dois episódios, trazendo à tona uma sociedade britânica na qual a pluralidade cultural não se traduz em tolerância, ao contrário, não reconhece o negro, presente ali há séculos, como parte da mítica ‘identidade nacional’. Embora reconhecido o fato de que a suposta homogeneidade ‘racial’ e cultural na Grã-Bretanha tenha sido ‘corrompida’ pelos movimentos diaspóricos de povos das mais diversas origens e apesar da luta na tentativa de colocar em prática as políticas de igualdade, o texto faz emergir antigos preconceitos ainda arraigados naquela sociedade.

O objetivo desse artigo é analisar a representação do racismo em um episódio do romance *Fruit of the Lemon* (1999) à luz da teoria pós-colonial. Analisam-se as estratégias de objetificação do negro devido ao fator dérmico, bem como os efeitos da tomada de consciência da existência do racismo na identidade da protagonista negra. Em virtude de o livro *Fruit of the Lemon*, e de outros livros de crítica não terem sido traduzidos para o português, as traduções de trechos citados dessas obras são de responsabilidade da autora desse ensaio.

Colonizador e Colonizado – reconfiguração das relações de dominação em solo britânico

Centro do maior império dos tempos modernos, a experiência de colonização trouxe para a Grã-Bretanha mudanças profundas nas noções de identidade daquele povo. Apesar de a presença ‘negra’ na Grã-Bretanha remontar ao século XVI, o fenômeno de migração se intensificou nos períodos pós-colonial e pós-Segunda Guerra Mundial. A vinda dos povos das ex-colônias trouxe para a Grã-Bretanha, que se acreditava homogênea, uma pluralidade de culturas, tornando-a uma sociedade étnica e culturalmente mista.

As relações de colonização, escravidão e domínio colonial que ligaram a Grã-Bretanha às suas colônias marcaram o rumo dos imigrantes que para lá se deslocaram no período pós-colonial. Muitos negros caribenhos, ‘filhos do império’, rumaram para a ‘Pátria-Mãe’ a procura de melhores condições de sobrevivência, sem se dar conta de que estavam fazendo história. Esses filhos do império acreditavam-se cidadãos britânicos, afinal foram ensinados na escola que a



Inglaterra era, senão o centro do mundo, certamente o centro de um grande e importante império que se espalhava pelo globo. Não pensavam estar viajando para uma terra estrangeira, mas para o centro de seu país, e que, portanto, quando lá chegassem, se adaptariam facilmente.

Esses movimentos diaspóricos transformaram a Grã-Bretanha em uma sociedade multicultural complexamente estruturada, trazendo consigo a necessidade de se redefinir o conceito de ‘inglesidade’. Dentro desse panorama, a Inglaterra ainda luta para resolver os problemas relacionados ao seu passado colonial e os desafios trazidos com o surgimento dessa sociedade pós-imperial e ‘multi-racial’ na qual se transformou.

Gilroy chama a atenção para o que ele denomina peculiaridade do negro inglês que “requer atenção à mistura entre várias formas culturais distintas. Tradições políticas e intelectuais anteriormente separadas convergiram e, em sua junção, sobre determinaram o processo de formação social e histórica do Reino Unido negro” (GILROY, 2001, p.42). O autor pondera que tais misturas não podem ser interpretadas como excludentes, como se o intruso negro houvesse interferido de forma definitiva na cultura britânica, outrora ‘tão estável’.

Na teoria pós-colonial, o termo ‘hibridismo’ tem sido amplamente usado para definir essas culturas cada vez mais mistas e diaspóricas. Esse termo, inicialmente usado como equivalente a trocas culturais negava “a desigualdade inerente as relações de poder e enfatizava as políticas de assimilação através do mascaramento das diferenças culturais” (BONNICI, 2005, p.32). Falar em assimilação de cultura implicaria em absorver as idéias da nova cultura em detrimento da cultura de origem.

Mais recentemente o termo hibridismo tem sido associado aos trabalhos de Homi Bhabha, cujas análises das relações de interdependência entre colonizador/colonizado reconhecem a impossibilidade de uma pureza hierárquica das culturas, sugerindo um novo sentido para o termo:

(...) momento ambíguo e ansioso de...transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo... [Ele] insiste em exibir ... as dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade, as disjunções de poder ou posição a serem contestadas; os valores éticos e estéticos a serem ‘traduzidos’, mas que não transcenderão incólumes o processo de transferência (BHABHA, 1997 apud HALL, 2003, p. 75).



As peculiaridades dos diferentes grupos culturais que participaram e participam dos processos migratórios requerem ajustes, tanto por parte daqueles que se deslocaram, como dos que os ‘recebem’ em seu país. Nessa estrutura social altamente complexa, o romance *Fruit of the Lemon* (1999) representa uma fonte frutífera para investigação de questões sobre o hibridismo cultural. A protagonista Faith Jackson em sua condição de mulher, negra, britânica, descendente de caribenhos, reflete ficcionalmente a maneira como a Inglaterra ainda luta para achar um equilíbrio entre seu passado imperial e os desafios apresentados pela sociedade multicultural em que se transformou na contemporaneidade. Ao presenciar o episódio de racismo que este ensaio se propõe analisar a protagonista toma consciência de que, mesmo que de forma velada, o negro, ainda, é vítima de discriminação baseada na cor dérmica.

O discurso imperial X ‘outremização’ do negro

O discurso colonial tem um papel fundamental na fabricação de estereótipos do negro, historicamente colocado à margem da sociedade, num processo que os estudos pós-coloniais denominaram ‘outremização’. Tais estereótipos, baseados em supostas diferenças raciais, foram construídos através de um discurso do colonizado como uma população primitiva, degenerada, submissa e preguiçosa, imagem que servia para justificar as atrocidades que caracterizaram o período colonial. Esse aspecto do discurso colonial também é reforçado por Bhabha que pondera:

“Onde quer que ele vá...o negro é sempre um negro” – a sua raça se transforma no sinal inextirpável da diferença negativa no discurso colonial. O estereótipo impede a circulação e a articulação do significante ‘raça’ como qualquer outra coisa a não ser a sua permanência em forma de racismo (BHABHA, 1991, p.193).

A cor dérmica, portanto, é uma das diferenças primárias observadas entre o europeu/branco/ colonizador e o negro/colonizado, gerando o racismo. O conceito de racismo, derivado do termo ‘raça’, deu origem à ideologia de que existiam heranças físicas, biológicas e genéticas diferentes em meio aos grupos humanos. Dessa crença inicia-se o discurso racial no qual as diferenças, principalmente as concernentes à cor da pele, indicavam a superioridade de determinados grupos em detrimento de outros. “O termo ‘raça’ se desenvolveu num construto



que distingue raças puras e híbridas, tipos humanos imutáveis, comportamentos, habilidades e hierarquias inatas e diferentes” (BONNICI, 2005, p. 50).

Mesmo não sendo uma invenção do período imperial, as noções de ‘raça’ lhe serviram de suporte para justificar a hierarquização dos sujeitos coloniais em negros/brancos, civilizados/primitivos, outro/Outro. Binarismos fundados no mito da supremacia cultural branca, durante a expansão colonial os colonizadores se apropriaram das teorias raciais para subjugar as raças não-europeias. Apoiando-se nas diferenças externas existentes entre si próprio e o negro, o colonizador empregou em seu discurso uma série de estratégias excludentes que objetivavam desestruturar o colonizado psicologicamente. Recusando-se em reconhecer a alteridade do negro, o colonizador o ‘outremiza’ com o propósito de satisfazer seus intuitos.

A ‘outremização’, conceito cunhado por Spivak, “é um processo dialético no qual o Outro-colonizador é estabelecido ao mesmo tempo em que o outro-colonizado é produzido como sujeito” (ASHCROFT, 1998, p. 171). Quer se realize pela exploração física do território não-europeu, quer pela degradação do nativo através da criação de estereótipos ou ainda pelo hiato existente entre o europeu (Outro) e o não-europeu (outro), a outremização é uma ideologia que oprime o negro, fixando-o pela suposta superioridade do sujeito dominador, deixando o subalterno sem espaço para se expressar.

Trazendo essa discussão para a contemporaneidade, percebe-se que as tensões entre ingleses ‘nativos’ e pessoas oriundas das ex-colônias, cuja convivência pacífica se revela superficial, podem ser assim definidas:

Desde a aceitação de ex-colonos pela Inglaterra, logo após a II Guerra Mundial, para preencher postos de emprego manual e com salários baixos, desde a coibição da imigração caribenha na década de 1980, desde o aumento da xenofobia diante do desemprego provocado pela política neoliberal na década de 1990, a tensão inter-racial e classista tornou-se a característica das metrópoles colonizadoras (BONNICI, 2006, p. 21).

Tal panorama faz vir à tona, sob nova roupagem, os mesmos binarismos hierarquizantes que dividem a sociedade entre privilegiados e marginalizados, brancos e negros, antigos e novos ‘racismos’. Em meio a tais ambivalências, como tratar a questão da identidade? O que é ser britânico em meio a tais dicotomias?

“Identidade! Às vezes me faz doer a cabeça – às vezes meu coração”



A frase de Andrea Levy (2000) revela quão forte é a questão da identidade para os imigrantes negros e seus descendentes que vivem na Inglaterra: Como se integrar a sociedade britânica sem ser assimilado pela cultura branca em detrimento de todas as outras?

O conceito de identidade se refere, em termos gerais, a um conjunto de atributos, físicos ou comportamentais, através dos quais indivíduos são reconhecidos como parte de um grupo.

Identidade pressupõe a concepção de idêntico e, em se tratando de identidade cultural, de grupos sociais, os fatores ressaltados são as características em comum entre os membros do grupo, que os tornam semelhantes entre si e os diferenciam de outros grupos, cujas características são outras, diversas (LAGO, 1999, p. 21)

As discussões de identidade são permeadas por argumentos que se apóiam na idéia de que as antigas identidades que estabilizaram o mundo estão em declínio, o indivíduo visto como ser unificado dá lugar a novas identidades, deslocadas ou fragmentadas. Tal é a ‘crise de identidade’ do homem moderno inserido numa sociedade que, como ele, está em constante processo de mudança. As formações identitárias dos sujeitos diaspóricos e seus descendentes

[...] desafiam a idéia de uma sociedade britânica estável, contínua, ininterrupta, imutável e homogênea; ao contrário, enfatizam o fato de que a identidade é um conceito plural e em processo, mesmo quando construída ou representada como um conceito fixo (BRAH, 2002, p. 195).

O que dizer desse sujeito fragmentado frente às chamadas culturas nacionais, enquanto fontes de identidade cultural no mundo globalizado? Dizer-se cidadão de uma nação pressupõe identificação com a comunidade simbólica que ela representa. Porém, em que medida essa identificação é de fato possível em meio à diversidade étnica e cultural em que nações como a Inglaterra têm se tornado, em função dos movimentos migratórios dos povos que para lá se deslocaram?

Apesar das lutas em prol da igualdade, parece que a questão do ‘pertencimento’ à nação ainda se baseia na questão da diferença. Para o negro britânico, estar na Inglaterra pode não significar ser da Inglaterra, na medida em que a discriminação étnica e ‘racial’ ainda insiste na exclusão de indivíduos com base no fator dérmico.

“A flor do limoeiro é delicada, mas seu fruto é amargo”

**Celia Regina Lessa Aleixo
Prof. Dr. Thomas Bonnici**



Nascida e criada na Inglaterra, filha de pais caribenhos, a protagonista de *Fruit of the Lemon* (1999), Faith Jackson, nunca mostrara interesse em conhecer as origens de sua família. Seus pais, na esperança de que os filhos se adaptassem à pátria mãe como verdadeiros britânicos, não lhe revelam as condições em que migraram para a Inglaterra, tampouco o preconceito que lá sofreram. Dessa forma, Faith tenta viver como se não tivesse a marca de suas origens na cor dérmica e como se o racismo ali não existisse.

Mesmo tendo acesso à educação formal, graduando-se em Moda, Faith luta para negociar um lugar no mercado de trabalho, experiência que vai, aos poucos, revelando as tensões entre os ingleses brancos e os descendentes das ex-colônias. Seu frágil senso de identidade é ameaçado ao testemunhar um ataque racista a uma mulher negra, fazendo-a perceber que a preconizada tolerância às diferenças é um construto tão delicado quanto a flor de um limoeiro e que provar de seu fruto pode deixar, naqueles que tem na pele a diferença de cor, um gosto amargo.

Sua crise de identidade culmina com a ida para a Jamaica, por sugestão de seus pais, fazendo com que Faith tome conhecimento de suas origens através dos relatos orais de seus parentes caribenhos. Através desses relatos, as lacunas de silêncio de sua história são preenchidas trazendo à tona tensões sociais que afetam o negro britânico, nativo ou descendente de imigrantes.

O episódio que deflagra a tomada de consciência da protagonista é o ataque contra uma mulher negra em uma livraria especializada em escritos sobre minorias. Tal fato tem conotações que vão além da violência gratuita, constituindo uma reviravolta na narrativa, visto alertar a protagonista para a realidade que ela insistia em negar – a discriminação sempre fora fato em sua vida e as lacunas de suas origens precisavam ser preenchidas.

Nós três estávamos numa livraria. Uma mulher com a cabeça sangrando, Simon furioso e ofegante e eu aterrorizada [...] era impossível respirar fundo sem engasgar com o cheiro forte. A loja tinha sido pichada com tinta vermelha de raiva. E em todo canto a sigla NF, NF, NF. A tinta vermelha cobria as paredes [...] prateleiras e [...] rostos nos pôsteres [...] o balcão e a caixa registradora [...] ao redor do cantinho das crianças – sobre os blocos de letras do alfabeto e sobre as cadeirinhas [...] Uma onda de ódio circulando NF NF NF. Livros espalhados pelo chão e um cheiro inconfundível de urina vinha de algum lugar. Metade de um saco de fezes sobre a mesa – enquanto a outra metade do conteúdo escorria pela estante de livros de gays e lésbicas. E a literatura negra e do Terceiro Mundo pichada com palavras de insulto contra os negros (LEVY, 1999, p. 151-152).



A descrição minuciosa das condições em que se encontrava a livraria denuncia que aquele ato de violência, que vitimara a mulher dona do estabelecimento, na verdade se revela um ato racista, cujo alvo não era aquela mulher-indivíduo, mas toda a categoria que representa pela sua diferença de cor dérmica – os negros. Gays, lésbicas, Terceiro Mundo... Todos metaforicamente atingidos através dos livros pichados, numa tentativa de calar as vozes oprimidas que pudessem emergir daqueles escritos e que despertavam o ódio racista do grupo NF (*National Front*).

A ‘Frente Nacionalista’ (*National Front*), à qual Levy faz referência nesse episódio não é ficção. Esse grupo, fundado na Inglaterra em fevereiro de 1967, acreditava ser o multiculturalismo e a imigração de massa um erro trágico na história da Inglaterra. Vendo na imigração negra uma ameaça a ‘inglesidade’, que definia em termos raciais, o grupo ganhou vários adeptos, publicou periódicos espalhando seus princípios racistas e tornou-se uma sigla conhecida em toda a Inglaterra.

A referência de Levy ao *National Front* remete a motins racistas que marcaram a história de Londres, entre eles os ocorridos em *Notting Hill* em 1958 e em *Brixton* em 1981 e 1985. O ‘bode-expiatório’ desses ataques racistas é assinalado na história como a ameaça de desemprego que aqueles trabalhadores, imigrantes, negros representavam.

Ao fazer referência na ficção ao NF, grupo ainda ativo na sociedade inglesa, Levy (1999) nos leva a uma reflexão a respeito de um dos efeitos da globalização, qual seja a possibilidade de se definir identidade em meio a essa mistura de culturas resultantes dos movimentos migratórios. A tentativa de fortalecimento de identidades locais pode ser vista “na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2006, p.85). Parece ser esse o caso de grupos racistas como o *National Front*, que se espalham por todos os cantos pregando uma suposta identidade nacional unificada:

No Reino Unido, por exemplo, a atitude defensiva produziu uma ‘inglesidade’ (*englishness*) reformada, um ‘inglesismo’ mesquinho e agressivo e um recuo ao absolutismo étnico, numa tentativa de escorar a nação e reconstruir ‘uma identidade que seja una, unificada, e que filtre as ameaças da experiência social’ (SENNET, 1971 apud HALL, 2006, p. 85).

O episódio, portanto, retrata na ficção as tensões raciais presentes naquela sociedade. A protagonista começa a perceber que aquele não fora, simplesmente, um ato de violência por parte de alguns extremistas, mas o reflexo de um racismo sutil e institucionalizado. A identidade daquela mulher, tampouco o contexto em que ocorre o ataque são enfatizados nas interpretações



do policial a respeito dos suspeitos daquele ato. Para ele, como se observa no excerto a seguir, o ataque a mulher fora feito por um bando de criminosos violentos, à maneira das interpretações dos policiais que participaram dos motins em Notting Hill e Brixton, na Londres das décadas de 1950 e 1980. Além de não mencionar o racismo que subjaz o ataque, os policiais ainda culpam a mulher por estar ali sozinha, num ato de racismo velado que, sob a máscara da tolerância permeia as relações na contemporaneidade:

Eu só consegui entender o que estava acontecendo quando a polícia chegou [...] falando no rádio e andando pela loja comentando o que deveriam fazer. [...] O policial não estava impressionado com o que vira e perguntou a Simon se ele reconheceria os homens. [...] ‘Nós sabemos quem são eles, nós só precisamos de alguém para denunciá-los. [...] Todas essas livrarias de ‘esquerda’ estão sendo atacadas’ [...] Ele tinha um tom de voz sarcástico.

‘Eles dizem que são do *National Front* mas não são, um bando brutamontes, isso sim’[...] ‘Nós dissemos para eles não deixarem ninguém sozinho na loja. Uma mulher como essa, sozinha, estava pedindo para ter problemas’ [...] Minha cabeça estava doendo (LEVY, 1999, p. 154).

O turbilhão de acontecimentos daquele contexto desperta em Faith a consciência de que seu antigo modo de lidar com questões raciais, como se não lhe afetassem, não servem mais. Enquanto ouve o policial se referir ao acontecimento como algo corriqueiro, apagando qualquer conexão entre a identidade daquela mulher negra e o espaço em que o fato ocorrera, Faith se identifica com a vítima. Ambas trazem na cor dérmica a diferença que desencadeou o ato racista daquele grupo que, acreditando-se superior, age em prol de uma suposta preservação racial do povo inglês.

Ao retornar para casa com Simon, seu colega de apartamento, Faith se vê sozinha em sua solidariedade a Yemi (era esse o nome da vítima) ao ouvir Simon recontar o episódio à sua maneira, apagando a conexão do atentado com a discriminação racial:

A história houvera se transformado no ataque de três homens que entraram numa livraria a luz do dia, e bateram na cabeça de uma pessoa com um objeto pesado porque não gostavam dela [...] eu interrompi a história duas vezes. ‘Era uma mulher negra’, eu disse. Simon havia feito referência a ela como a mulher que trabalhava lá. Duas vezes eu tive que dizê-los que a mulher que ferida na cabeça era negra como eu. [...] Marion chegou [...] Simon teve que contar a história mais uma vez ‘A mulher era negra’, eu disse novamente, enquanto Mick afirmava, ‘o *National Front*’ [...] ‘Não se preocupe, são apenas um bando de brutamontes’[...] Todos os meus amigos caíram na risada (LEVY, 1999, p. 156-157).



A interpretação que Simon faz dos fatos ignora a identidade da mulher negra e, portanto, os motivos racistas do ataque, deixando brechas que Faith insiste em preencher, corrigindo-o constantemente – ‘Ela era negra como eu’. O silêncio dos amigos em resposta as suas interrupções, ignorando seus comentários, chegam ao ponto em que sua presença parece ser apagada. Marion e Mick encham Simon de cuidados, confortando-o e parabenizando-o pelo heroísmo de seu ato, enquanto nenhuma menção é feita a experiência traumática de Faith ao presenciar uma mulher negra, semelhante a ela, tornar-se vítima de um ataque racista.

A identificação de Faith com Yemi e o distanciamento em relação aos seus amigos se intensificam na medida em que Mick coloca sobre a mesa as quatro canecas de café que acabara de preparar e os quatro colegas se movem para pegá-las: “três mãos brancas e uma negra se esticaram para pegar o café sobre a mesa”(LEVY, 1999, p. 157). O peso da constatação da diferença entre eles não é suportado por Faith que, desiludida, corre para casa dos pais em busca de proteção.

Ao chegar, Faith se surpreende mais uma vez quando se depara com a família de Ruth, a namorada negra de seu irmão Carl, cujos discursos fervorosos contra o racismo tentavam convencer Faith a aceitar sua ‘negritude’. A mãe de Ruth, seus dois meio irmãos e seu padrasto são brancos – revelação que intensifica a agonia da protagonista, chamando-a para a realidade que ela insiste em negar, qual seja, a cor dérmica é fator que a coloca em desvantagem naquela sociedade: “Ruth estava certa. No final das contas, a questão era simples. Negro contra branco” (LEVY, 1999, p. 159).

De volta à casa que dividia com amigos, como não querendo enfrentar a realidade que insistia em se lhe mostrar, Faith se ‘refugia’ em seu quarto:

Eu não queria que ninguém me visse. A luz da rua trazia um brilho amarelado para dentro do quarto. Estava muito claro, muito iluminado. A janela deixava entrar muita vida. Eu fechei as persianas de madeira e as cortinas até ficar tão escuro que eu não conseguia ver onde pisava. Eu me deitei na cama. Mas à medida que meus olhos se ajustavam à escuridão, eu podia ver meu reflexo no espelho do guarda-roupa. Uma garota negra deitada na cama. Eu cobri o espelho com uma toalha. Eu não queria mais ser negra. Eu só queria viver. Cobri o outro espelho do quarto com uma camiseta. *Voilà!* Eu não era mais negra (LEVY, 1999, p. 160).

A reclusão no quarto escuro e a recusa em se comunicar com seus colegas dão a Faith uma sensação de pseudo-segurança, como se encontrasse naquele ambiente uma fonte de identificação que não era mais possível no mundo externo. Ao cobrir os espelhos para não se



enxergar, Faith parece aspirar uma identidade ‘não-negra’, única possibilidade de se referir ao mundo, a exemplo da situação de neurose descrita por Fanon ao questionar a possibilidade de o negro superar seu sentimento de inferioridade:

[Fanon pergunta] se é possível para o negro superar seu sentimento de diminuição, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que o aparenta tanto ao comportamento do fóbico. O negro tem uma exacerbação afetiva, uma raiva de se sentir pequeno, uma incapacidade para toda comunhão humana que o confinam numa insularidade intolerável. A única porta de saída dessa insularidade dá para o mundo branco, o que o obriga a atrair a atenção do branco, a desejar ser poderoso e adquirir as propriedades de revestimento, ou seja, a parte do ser ou do ter que entra na constituição de um eu (FANON, 1952 apud FIGUEIREDO, 1998, p. 69-70).

Perturbada, sem querer ver ninguém, nem mesmo seu reflexo no espelho, a identidade de Faith é confrontada por sua diferença, daí sua recusa em se comunicar com seus colegas, não saindo da cama nem mesmo para ir ao trabalho onde também não era desejada: “Eles não me queriam na emissora de televisão. E eu queria ser querida. Eu gostava de ser amada” (LEVY, 1999, p. 161).

Após dias naquela situação, Faith recebe a visita dos pais preocupados com seu comportamento. Na tentativa de resgatar a filha daquele colapso nervoso, os pais lhe sugerem uma viagem a Jamaica, idéia que não atrai Faith:

‘Estivemos pensando que você precisa de férias. Sua tia da Jamaica gostaria de conhecê-la. E estivemos pensando que essa poderia ser uma boa hora para visitá-la’. [...] Eu não quero ir para a Jamaica. É muito longe. O que há de errado com a Espanha? ‘Não! Eles disseram’. Então minha mãe suplicou, ‘Por favor, vá para a Jamaica’. Por que? Eu perguntei. [...] E minha mãe disse suavemente, ‘Filha, todo mundo deveria saber de onde vem’ (LEVY, 1999, p. 162).

Os pais percebem a ambivalência dos sentimentos de Faith – pertencimento e não pertencimento a uma sociedade na qual nasceu e foi criada, mas que não lhe dá os mesmos direitos dos demais cidadãos brancos. Identidade fragmentada, cuja recomposição só parece ser possível com uma volta às raízes, através da recuperação da história de sua família, negada até agora pelos pais, que queriam poupá-la, e por ela mesma, que não fazia questão de conhecer.

Considerações finais

Celia Regina Lessa Aleixo
Prof. Dr. Thomas Bonnici



O episódio analisado nesse ensaio nos revela que a além da crueldade da discriminação pela cor dérmica há outro agravante que o torna mais violento, qual seja, a institucionalização do racismo, na medida em que o ataque é visto pelos policiais e pelos amigos de Faith como um ato de vandalismo sem nenhuma implicação racista. A suposta convivência pacífica, bem como a igualdade de direitos entre negros e brancos nas sociedades ditas multiculturais é uma ilusão, pois

[...] mesmo quando estendidas a todo o corpo social, referem-se apenas aos direitos formais, administrativos, legais do indivíduo [...] desconsidera as especificidades étnicas, históricas, identitárias – em suma – a diferença – que torna o espaço social heterogêneo. Cega a estas diferenças, esta igualdade é, na verdade discriminatória. [...] aplicando-se somente a um cidadão ideal e não a indivíduos reais (SEMPRINI, 1999, p.93)

Ao negar a relevância e o respeito às diferenças para o entendimento da diversidade, prega-se uma suposta igualdade que só funciona no mundo ideal, pois no mundo dos homens, a cor dérmica continua sendo fator discriminatório que, juntamente com a etnia, classe e religião impedem o negro de se afirmar como sujeito agente nas sociedades que, a exemplo da Londres contextualizada no romance, fingem ser democráticas e inclusivas.

A pouca importância dada à identidade da mulher atacada na livraria, substitui a antiga identificação que Faith outrora estabelecia com seus colegas de apartamento dando lugar a uma identificação com Yemi, pois percebe a força da hostilidade dos britânicos contra imigrantes negros e seus descendentes, que até então insistia em negar. A crise de identidade deflagrada em Faith é decorrente de sua tomada de consciência de que a noção de identidade nacional naquele contexto está intimamente ligada com fatores raciais e étnicos. Sendo a população da Inglaterra de maioria branca, o fator dérmico continua dividindo seus cidadãos, dando a noção de ‘inglesidade’ e pertencimento um caráter racial.

O episódio mostra que, embora as teorias raciais tenham perdido terreno ao longo dos anos, o termo ‘raça’ ainda tem força, haja vista a intolerância contra as minorias sejam elas raciais, étnicas, culturais ou religiosas. Ao retratar a hostilidade contra o negro na literatura Levy expõe o racismo que ainda permeia as relações humanas nas sociedades ditas igualitárias e inclusivas. A escrita de Levy emerge como uma forma de luta ao denunciar a discriminação através da representação do *National Front* na ficção, como responsável pelo ataque racista, quando se é sabido que esse grupo, apesar de ter perdido força ao longo do tempo, ainda existe sob a mesma bandeira da pureza racial que acredita ser a salvação daquela nação.



Referências:

- ASHCROFT, B. et al. **Key concepts in Post-Colonial Studies**. London: Routledge, 1998.
- BHABHA, H. K. A questão do 'Outro: diferença, discriminação e discurso do colonialismo. In HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 177-203, 1991.
- BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: EDUEM, 2005.
- BONNICI, T. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 28, n.1, p.13-25, 2006.
- BRAH, A. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 2002.
- FIGUEIREDO, E. **Construções de identidade pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.
- GILROY, P. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: UFMG, 2003.
- LAGO, M. C. de S. Identidade: a fragmentação do conceito. In SILVA, A. L.; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O.(Org.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Mulheres. 1999. p. 119-129.
- LEVY, A. **Fruit of the Lemon**. New York: Picador, 1999.
- LEVY, A. This is my England. **The Guardian**, London, February 19, 2000. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2000/feb/19/society1>>. Acesso em 27 ago. 2009.
- SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.